



P'RA VOCE

revista : semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

P R O P R I E D A D E
D A E M P R E Z A
D O "D I A R I O D A M A N H Ã"
R U A D O I M P E R A D O R 2 2 7 - R E C I F E

PREÇO

1\$000



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

— PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS —

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.º ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

Entrevistando Pola Negri



O reporter — Quando pensa visitar o México?

Pola — Dentro de vinte divorcios...

(“Fantoche”, México)

“MISS” UNICA

Eu confesso que tive um grande desejo de elegel-a “miss”.

“Miss” Capunga, por exemplo.

Mas, você é bonita de mais p'ra ser “miss” Capunga.

E, se você fosse eleita “miss” Capunga, poderia a injustiça dos “juizes” não lhe conferir o titulo de “miss” Pernambuco.

Eu só queria que você fosse a nossa enviada, se tivesse a certeza absolutissima, de que da imparcialidade dos julgadores cariocas, redundasse cair em suas mãos o sceptro de rainha da beleza do Brasil.

Assim, vá lá!

Já era alguma cousa, porém, não era tudo.

Você “miss” Brasil, deixando vencidas tantas concorrentes formosas, se bem que menos formosas que você, nada mais justo que o jury final proclamal-a “miss” Universo.

Quem não aspira ser “miss” Universo?!

Mas, “miss” Universo, só se é um anno; uma vez na vida...

E você é mais do que tudo isto!...

Você é a morena mais brasileira, mais deliciosa, que conheço.

P'ra mim você é “miss” UNICA...

João Rufino.



Sobre-tudo de ga-
bardine para
meninos de 6 a
15 annos

Pelerines de
cazemira com
Capuz

Capinhas e casa-
quinhas de malha
para creancinhas

Casacos de ma-
lha para senhoras

Sobre-tudos para homens.
O maior e o melhor sortimento
de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA



Linda colleção de vestidos

Mlle. Aida Conceição, de passagem por esta cidade, acaba de expor no Hotel Central, quarto 401, uma fina colleção de vestidos dos ultimos modelos parisienses.

PREÇOS CONVIDATIVOS

UM PREFEITO NA PRISAO

Ultimamente, o prefeito de uma cidade americana (do Norte, naturalmente) a de Newburyport, no Estado de Massachussetts, foi preso por ter feito illegalmente negocio de petroleo, e foi condemnado pouco tempo depois — a justiça age depressa naquelle paiz — a dois mezes de prisão.

Foi portanto posto no seu cubiculo na prisão; mas como a sua condemnação não o privava dos seus direitos, continuou a ser o prefeito da cidade e, devido a isso, teve que continuar a occupar-se com os negocios da cidade e dos seus concidadãos.

O director da prisão teve que o autorizar a receber visitas na sua cellula, a servir-se do telephone e a expedir um grande correio official.

Mas parece que assim mesmo ainda restava tempo a esse extraordinario prisioneiro para effectuar os serviços impostos pelo regulamento do serviço penitenciario, entre outros a varredura da prisão.



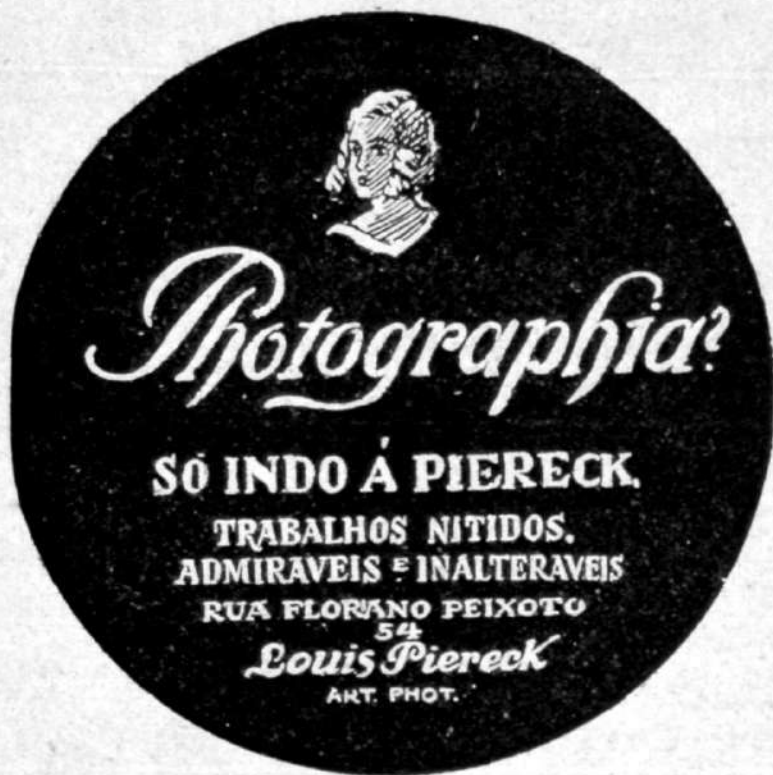
— Estov certo de que foi aqui que a sua mulher se afogou.

— Duvido, porque aqui não se ouve nada e a minha mulher não pôde estar calada um minuto.

DÊ NE BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principaes sapatarias



Photographia?

SÓ INDO Á PIERECK.
TRABALHOS NITIDOS.
ADMIRAVEIS E INALTERAVEIS
RUA FLORIANO PEIXOTO
54
Louis Piereck
 ART. PHOT.

SUL AMERICA

A maior Companhia de Seguros da America do Sul

FUNDADA EM 1895

No ultimo exercicio (1.º de Abril de 1928 a 31 de Março de 1929) foram pagos 18.733.540\$913, em 300 dias uteis de 8 horas, assim desdobrados:—

por segundo	2.168
por minuto	130.094
por hora	7.805.642
por dia	62.445.136
por semana	360.260.402
por mez	1.561.128.409

Peçam informações sobre suas apolices á Sucursal de Pernambuco

Rua Barão da Victoria, 318 — 1.º andar

ou a AGENCIA DA CAPITAL

RUA 1.º DE MARÇO, 79 — 1.º andar

CAIXA POSTAL, 169



— De onde procedem estas perolas, si não é indiscreção perguntar-lhe?

— Creio que de umas ostras.

(De "Weekly Telegraph", Sheffield)

Sabão Marmorizado

DA

SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”

Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponáceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TRES DE QUALQUER SIMILAR

FABRICANTES:

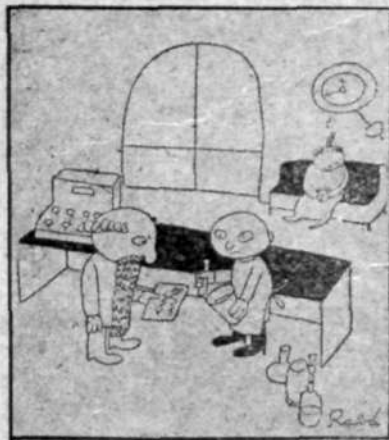
Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE

D. QUIXÓTE VENCIDO

Don Quixote, mestre na loucura razoável e na sublime cordura, tem em sua história uma página que aqui é oportuno recordar. E haverá nesse livro qualquer acção, um conceito que não implique um significado immorttal um ensinamento? Haverá passo dos que se deram pelo mundo que não equivalha a mil passos para cima, para onde o nosso juízo pontifica e a nossa prudência escuta? Vencido Don Quixote na singular contenda pelo cavalleiro da Branca Lua, fica obrigado, segundo a condição do desafio, a deslutar por certo tempo de suas andanças e a dar tregua á sua paixão de aventuras. Don Quixote, que teria desejado perder, com o combate, a vida, acata o compromisso de honra. Resoluto, ainda que não resignado, toma o caminho de sua aldeia. “Quando era — disse o cavalleiro andante — atrevido e valente, com as minhas obras e as minhas mãos acreditava os meus feitos; e agora, que sou escudeiro pedestre, acreditarei as minhas palavras, cumprindo o que dei em minha promessa. Chego com Sancho ao prado onde em outra occasião havia visto uns pastores entretidos em imitar a vida da Arcadia e ali uma idéa se levanta no animo do vencido cavalleiro, como fermento de suas melancolias. Dirigindo-se ao seu companheiro lhe propõe que, enquanto cumpre o prazo de seu forçado retratamento, se consagrem ambos á vida pastoril, e embalados pela musica das

avenas, gaitas e pandeiros, concertem uma viva e deleitosa Arcadia no coração daquela soledade amena. Ali lhes darão sombra os salgueiros, oior as rosas, alfombras de mil côres matizadas os extensos prados, alento o ar claro e puro, luz a lua e as estrellas, apesar da obscuridade da noite, gosto o canto, a alegria a musica. Appollo versos.



O boticario — Veja esta receita; diz quinino e você velha, pôz strichimina.

O ajudante — Não tem importancia; é para aquella

(De “Buen-Humor”, Madrid)

e a Amor conceitos com que poderão fazer-se eternos e famosos, não só nos presentes, sinão nos vindouros seculos.” Entendes a transcendental belleza deste accordo? A condemnação de abandonar por certo tempo, o seu ideal de vida, não move Don Quixote nem á rebelião contra a obediencia que lhe impõe a honra, nem á tristeza queixosa e enjoada, nem a conformar-se á quietude trivial e prosaica. Busca a maneira de dar á sua existencia nova razão de ideal. Converte o castigo de sua derrota em o prazer de gozar uma poesia e uma formosura novas. Propende desde aquelle ponto á idealidade da solidão, como até então havia propendido á idealidade da acção e da aventura.

José Henrique Rodó

“EPISTOLARIO”

Em o nosso ultimo numero, o conto “Epistolario”, traducção de “P'ra Você”, foi publicado sem a assignatura de Eduardo Blanco-Amor, que o escreveu.

Esta nota corrige a falta involuntaria.

para
você...

O BELLETRISTA CRISPIM

Arranjou no espelho a cabelleira vastissima. Caiças de fantasia. Jaquetão fitado e funebre. Punhos duros. Collarinho de ponta virada. E gravata preta.

Tudo isso aos vinte annos. Que coisa mais triste! Olhou o céu feio de inverno.

Teve saudade da sua cidadezinha de provincia. Mas realizára o grande sonho: vir á Metropole. E' verdade que as pequenas de Olho d'Agua gostavam muito dos sonetos que elle mandava todos os sabbados para a secção semanal e literaria d'"O Malhequer". O meio porém era acanhado para as suas altas aspirações intellectuaes.

Precisava ser conhecido. E a metropole havia de consagral-o. Naquelle tarde preparava-se para assistir um recital de declamação. Quem ia dizer versos? Mlle. Francisquinha de Abreu. A maior "diseuse" do mundo. Nem se commenta. O café do Brasil tambem é o melhor do mundo. E o assucar de Pernambuco é muito mais dôce que o de Cuba, segundo informação do "Exportador Americano", edição hespanhola.

A's quinze horas sentou-se numa confortavel poltrona. Ambiente essencialmente literario. Sala cheia. De vez em quando entravam "fourrures" millionarias e capas illustres. Os chapéos abandonavam as cabeças. Molhadissimos. Pingando sonetos e balladas. Os guarda-chuvas, mais raros, pingavam versos symbolistas com repuxos e parques cyprestalmente outomnaes. Crispim, inquieto na cadeira, virava-se para todos os lados, observando a platéa. Junto d'elle, um senhor grave de bigodes eruditos e rubi no

fura-bolos. A conversa nasceu ninguem sabe como. Citações vastas. De Virgilio a Anthero de Quental, passando por Camões e Olavo Bilac.

O rubi gesticulante descrevia elipses assustadoras. Crispim concordando sempre.

Oh, a satisfação de concordar com um senhor de bigodes eruditos e anelão de bacharel! Nesse momento Mlle. Francisquinha de Abreu principiou a empolgar o auditorio. In extremis: lagrimas furtivas. E aquelle soneto do doutor Hermeto Lima que fala em Christo com ciumes da mais franzina perola do norte? Rimas muito ricas e buriladas. Depois umas poesias argentinas. D'Annunzio no original. Porque é preciso saber que Mlle. Francisquinha estudou linguas. Ah, ia me esquecendo!

Géraldy: muito subtil. Crispim era o typo do bemaaventurado. Parece até que se apaixonou pela "dictriz". (Expressão delle pro senhor de bigodes). Falou em "momentos de puro deleite espirital". E gostou principalmente porque o programma não incluia modernos. Pois é. O Crispim abominava os "futuristas". Na sahida ainda explicou que aquelle tinha sido o dia mais feliz de toda a sua vida.

O senhor de bigodes deu-lhe um cartão de visita e prometeu-lhe as columnas dos jornaes. Em casa o belletrista fez um artigo elogiando "os dotes interpretativos da talentosa e gentil dictriz patricia". Submetteu-o á apreciação de uns amigos novos. Gostaram. O Crispim é que respondeu sorrindo modestamente:

—Bondades... O estylo poderia ser um pouco mais torturado!

W I L L Y L E W I N

O BRAÇO DO MORTO

Conte de HENRY BORDEAUX

Estava na idade em que a gente não se contenta com o espectáculo dos homens. Uma necessidade insaciável de acção de mim se apodera. Mesmo no inverno, ia procurar nas montanhas os prazeres violentos.

Quem nunca se encontrou por um rol de inverno, em alguma elevada planície da Saboya, do Delphinado ou da Suíça, ignora uma das mais intensas alegrias physicas. O movimento no gelo, communica a todo corpo um calor ardente que se sente correr até a ponta dos dedos. O ar, gelado ambiente, é como que uma bebida fervente, desde que se o respirou. Em redor de si, as montanhas, cuja neve se esbarronda e reverbera sob a luz que a ataca, são paredes ou columnas de uma cathedral que se estende até o céu, onde o dia canta e reza, onde se espera a presença de Deus...

O ski ainda não estava em moda, e só se usava então raquetas. Resolvi atravessar sózinho do valle do Isère a Bonneval, em Maurienne, pela garganta do Iseran. É um passeio facil, o caminho é marcado, e no cume se encontra um refugio.

Mas tudo depende do estado da neve. Quando tencionei partir do valle do Isère, havia muito neveiro. Sem duvida, devia atravessal-o subindo, mas não seria melhor esperar que se dissipasse? Perdi assim tempo, e os dias em janeiro são muito curtos. Durante a ascensão, enquanto a bruma se reduzia, constatava, pela minha lentidão, a difficuldade da aventura, pois estava com neve até os joelhos.

Sem as pyramides de pedra que a balizavam, não teria suspeitado a desaparição da passagem para animaes.

A ascensão me custou um esforço consideravel.

Almocei apressadamente na encosta. Um ou dois copos de vinho, dois ovos duros, uma aza de gallinha, e a doce que vos aconselho na montanha, me recomfortaram. Em vez de renunciar á luta, reencetei a partida, mais animado, e afinal attingi á garganta.

Já se tinham passado tres horas. Não tinha senão um pequeno resto de dia. Prudentemente, eu deveria ou voltar ao valle do Isère cuja direcção conhecia agora, ou me instalar no refugio para ahi passar a noite. Mas qual! O sol desembaraçado das nuvens me sorria, a neve brilhava, e eu era vencedor. Inter-

nei-me no desfiladeiro do Lenta. Deante de mim, tinha as geleiras da Levenna, de Rocha Melau, de Albaran cuja scintillação me feria os olhos. Resolvido a tudo, fui trilhando pela vertente uniforme. Mas faltava uma ponte para se atravessar a torrente, e fui forçado a retornar ao caminho perdido.

O sol se recolheu, abraçando a neve. Mal percebi esse espectáculo, lançando olhares desesperados para todos os lados. Não devia estar longe de Bauneval, no entanto não percebi signal algum. Estava cansadissimo, esta longa ascensão me esgotara. E sobretudo, estava tomado de grande inquietação por causa da noite que se approximava e que pairava como um grande passaro negro sobre os espaços claros onde a luz se refugiava.

Sentia as pernas doloridas e commetti a falta de me assentar para repousar alguns instantes. Nada é mais perigoso: uma especie de torpor suave se nos apodera, nos adormece e nunca mais dahi vos levantareis.

A solidão, a obscuridade, o desconhecido se acercaram de mim como um perfido cortejo. Já inclinava a cabeça. Mas me lembrei de estados semelhantes, observados em outros, e que tive de socorrer, sacudindo-os violentamente, e com um esforço supremo afastei essa vertigem do sono. Entretanto estava exausto. Se desse mais alguns passos, fatalmente cairia... Providencialmente, percebi uma fogueira que se allumiava a pouca distancia. Esse pequeno clarão era para mim de grande importancia. Fosse uma pessima estrebria, encontraria um ser humano para me socorrer; encontraria uma tóca, ou mesmo uma granja, onde passar a noite.

Esta esperanza restituiu-me a coragem; consegui pôr os meus pés fatigados um deante do outro e mesmo subir um declive bastante escarpado.

Não era nem granja nem uma estrebria nem mesmo um kiosque, mas uma casa authentica, com janellas, uma bella casa com todas as suas commodidades. Por uma das janellas, distinguia a lampada e sombras que iam e vinham.

Felicitava-me intimamente de estar salvo e bati á porta. Ouvi que se mexiam no interior, lentamente. Emfim, appareceu um homem, seguindo uma lanterna, que illuminava

de baixo para cima, de modo que de suas feições apenas se distinguia a barba hirsuta.

— Quem é, que quer?

Expliquei minha aventura e pedi pousada. Enquanto parlamentavamos, uma mulher e duas creancinhas se collocaram atraz da lanterna. O homem que me deixara falar, se contentou com um: "Entre!" e me virou as costas, levando á frente a familia. Segui o cortejo, e penetramos num compartimento longo, abafado, que servia ao mesmo tempo de cozinha e de sala de refeições.

— Ah! exclamei, ouero fogo e ceia!

Estavam mesmo cosinhando uma sôpa de couve. O perfume de uma sôpa de couve é saborosissimo para as narinas de um viajante esgotado. Aspirava-o com emoção. Enquanto eu estava assim occupado, meus hospedeiros falavam entre si. Quanto á alimentação e pousada, estava tranquillo.

— Vamos mostrar o seu quarto.

— Não ha pressa.

Enquanto estivesse perto do fogão, não desejaría nada. Mas, já que me offerciam um quarto para mim só, o que ia além de minhas ambições, era conveniente ir ver. Subimos ao primeiro andar, por uma escada ingreme, e ahi me mostraram um quarto bem mobiliado, aseado, com uma trapeira obstruida pela neve. Devia estar deshabitado ha bastante tempo, a julgar pelo odor especial que se respirava. Mas o leito parecia bom: devia ser uma maravilha dormir nelle.

Puz minha sacola a um canto, desapeitei minhas polainas frouxas, e cheio de gratidão, mas com o ventre ôco, desci para esperar o jantar.

Estupenda, aquella sôpa de couve! O mesmo o presunto que se seguiu e que regamos com uma cidra um pouquinho fermentado de mais.

Entretanto, minha alegria não se communicava a meus hospedeiros. O homem se mantinha grave e a mulher triste. Deitei-me melhor com as creanças, Pierre e Michel, aos quaes fartei de historias: o Polyphemo da Odyssea os conquistou totalmente. Depois com o estomago satisfeito, o coração alegre, retirei-me para dormir. Deram-me boa noite e me presentearam com uma vela que me recommendaram que poupasse.

diz-se...



* O esguio chronista cinematographico veiu xingando, outro dia, os que falam mal do cinema sonoro por desconhecerem os sublis segredos da lingua de Shelley. A gente viu logo que elle queria dizer:

— Eu cá sei inglez!

Os que ficaram bobando deante dos dialogos de "Broadway Melody", encolheram-se, envergonhados, murmurando o muito caboclo: "Deixa estar jacaré que a lagôa ha de seccar!" E a lagôa seccou mesmo.

Imagine-se a falação da Torre de Babel, na "Arca de Noé"!

* O distincto clinico e grande theorista de "Tennis" foi ao Parque vêr e ouvir o campeonato mundial desse sport.

Não gostou, porém. Levou um tempo enorme a explicar aos seus admiradores:

— Só joguinho de fundo, minha gente! Nem um 'drivezinho' na rê-de! E depois, pelo ruído da bola ao bater nas cordas da "raquette" eu percebi que ellas não vibravam com as classicas 586 vibrações por segundo, o que acontece quando a bola é hem lançada, e sim com umas mingudas 348 vibrações.

Dizem que Tilden anda muito desgoso com a opinião do grande theorista.

* Os amigos do joven funcionario do "Comité das Companhias de Seguros" resolveram, por meio de um rateio, offerecer-lhe uma riquissima e vastissima colleção de carteiras.

E esse presente tem a sua razão de ser. Não ha semana em que o joven funcionario não perca pelo menos umas duas ou tres carteiras. E o que é peor, sempre recheiadas de cobres, pelêgas, caraminguás, tubos, etc.

* Ninguem seria capaz de imaginar que o joven academico de medicina, com aquelles seus oculos quasi doutoraes, com aquelle seu arzinho meio distante e meio despreoccupado, fosse capaz de operar milagres nos corações femininos.

Ninguem seria capaz de imaginar, repetimos, mas é uma verdade. Uma grande verdade. Uma verdade indiscutivel, tão indiscutivel quanto a espaventosidade das gravatas do poeta Austro Costa.

Aquella pequena ainda não havia sentido a "coisinha gostosa chamada amor"... até as ultimas ferias daquelles oculos quasi doutoraes.

O mocinho tem, com certeza, algum "it" secreto aos outros olhos. Só assim se justifica uma paixão tão subita, tão violenta como aquella que assaltou o coraçãozinho frivolo da pequena que não conhecia o amor.

A principio, o joven academico não se apercebeu do seu prestigio. Ella, que morava defronte delle, todas as noites fazia girar na sua magnifica electrola os tangos mais sentimentaes deste mundo. E elle, despreoccupadamente, no silencio do seu quarto de estudo, ás voltas com os pesados compendios de medicina legal, Hygiene, clinica cirurgica, etc.

Ella, porém, jurou que venceria. E venceu. Infelizmente veiu tarde a victoria. Poucas semanas antes do emparque do joven academico. Na vespera da partida, a scena foi commovenc. Ella affirmou entre lagrimas, que sentia o milagre de uma "transformação".

Confessou o arrependimento sincero de todos os seus "flirts" anteriores. E elle se foi, o coração sangrando de saudades.

Um anno custa a passar.

Distancia é synonymo de esquecimento. Nunca, porém, neste caso: um grande amor para sempre.



PROSA DO BOND DE OLINDA

São vinte minutos de ida e vinte minutos de volta. A paisagem de mangues é tão monotona que a gente precisa enfeitá-la com o pensamento. A verdade é que não gosto de escolher previamente um determinado assumpto para uma chronica, para um poema. Suggestão, eu te namoro uns minutos mas te laço p'ra perseguir outra idéasinha frívola que passa me olhando que nem garota excitante.

Si a aventura gorar, eu volto, ao "flirt" interrompido. Pensar á toda velocidade é melhor. Na minha última viagem Rio-S. Paulo eu tive a idéa precisa desta sensação gostosa. O nocturno das nove e meia riscou que nem foguete os suburbios pittorescos. O Meyer é chato. Tem muita luz electrica, muitos cinemas, muitos bilhares, muitas melindrosas de boina basca que vão á cidade tomar "sundaes" de caramello no Quarteirão Serrador. E' vazio dos mysterios tentadores que vivem dentro do escuro.

Quando as casas diminuíram de tamanho e foram se espaçando, os meus olhos pregados na janella do "sleeping-car" ficaram mais abertos. Vi coisas. Imagine-se o trem passando por um casebre illuminado á kerosene onde ha um samba muitíssimo. Cerveja, sanfona e clarinete. A casa mais proxima ainda fica longe. Mas vocês sabem que os "coupons" de passagem para o expresso paulista têm este aviso: Grande Velocidade. Na outra casa ha um caixão funerario cercado de cirios. A gente nem teve tempo de fixar o samba e pensa logo que morreu no bairro uma costureirinha tísica. Mas, como eu ia dizendo, a gente vive numa cidade cheia de acontecimentos simultaneos. As cidades têm livrarias e a gente pensa em literatura. As cidades têm bars e a gente pensa numa roda de amigos alegres. As cidades têm cinemas e a gente pensa em Charles Chaplin. Aquí eu paro para registar o commovido lyrismo da primeira scena de "City Lights", o mais recente dos filmes de Chaplin. Imagine que Charlie é como sempre um vagabundo. O filme começa



Um sorriso de Miss Capunga...

mostrando a inauguração de um monumento erigido em memoria de um sujeito importante. A praça está cheia de gente. Ha uma banda de musica, um pavilhão destinado ás autoridades, pessoas gradas, etc. Um cidadão illustre faz um discurso relembrando os feitos notaveis do homenageado. Solennemente o prefeito descerra o panno preto que envolve o bronze ridiculo. A multidão estupefacta descobre Charlie que passou a noite dormindo sobre o pedestal illustrado de inscrições historicas, numa enteneçadora e involuntaria irreverencia para com as ceremonias civico-patrioticas. Si vocês não acham genialidade neste episodio, podem olhar como eu aquella usina abandonada entre os mangues, que me dá, não sei porque, uma idéa de morte. Isso agora me entristeceu e me fez desejar uma madrugada. Toda: as vezes que a tristeza me amollece, o melhor consolo é andar a pé, de madrugada. No meu tempo de tiro de guerra era assim. Eu saía de casa ás quatro horas da manhã, sentindo na sombra um cheiro de cabellos de mulher. Caminhando, eu pensava na extravagancia de topar com uma morena que me beijasse e depois fosse embora sem perguntar quem eu era.

Hontem o dia foi longo e tive algumas contrariedades. De noite encontrei uns amigos. Conversamos, falamos de literatura e ironizamos alguns sonetistas. Só que voltei para casa meio desconfiado. Imaginando que os meus amigos ficassem dizendo coisas amargas a respeito dos meus poemas. Vocês devem comprehender: amigos inteligentes que preferem trahir a belleza simples de uma ternura pelo prestigio de um commentario espirituoso... Hontem senti o maior desejo de madrugada de toda a minha vida.

Felizmente a usina já está longe. O motorneiro ligou os oito pontos. O bonde corre. No banco, dianteiro ha uma moreninha. E' capaz de ser miss Olinda. E por falar em misses: é verdade que as misses...

ANTONIO GUILHERME

A propósito da colaboração de Paulo Malta Filho

(NOTAS LIGEIRÍSSIMAS)

Paulo Malta Filho começou como quase todo-mundo começa. Sonhador. Romântico. Chato. Contando uns alexandrinos horrorosos nos dedos. Collecionando "rimas ricas" de autores celebres. Bilac, Castro Alves, Guerra Junqueiro, Gonçalves Dias... Idealizando "chaves de ouro" absolutamente hediondas. E escrevendo toda semana um trabalho mais ou menos longo para lêr nas tertulias dominicaes do "Gremio Literario Guimarães Passos", de Macaé.

Imagem que elle chegou até a pôr um soneto sobre a Grecia, com letra muito boa, no album azul de uma respeitavel matrona e proferir um discurso academico citando o doutor Ruy Barbosa e o pharmaceutico Alberto de Oliveira.

Puza !...

Mas depois elle comprehendeu que isso não podia dar certo nao.

Era páu á bessa. Foi justamente o tempo em que os automoveis deram p'ra botar oito cylindros e tirar 100 kilometros á hora e os mocambos resolveram deixar de ser mocambos p'ra virarem arranha-céu.

Paulo achou isso gosado. Gosadissimo. Quiz rir. Não pode. Então — não sei por que — deu aos seus poemas um rythmo igualzinho á carreira dos automoveis de oito cylindros que tiram 100 kilometros á hora. E não esqueceu o arranha-céu. Ficou gostando delle tambem. Achando bonita a sua sombra muito cinzenta. Muito longa. Admirando o seu tamanho damnado de grande, que faz pensar num marujo da terra de Waldo Frank. E como a melhor maneira da gente admirar uma coisa é procurar ficar parecida com ella, Paulo foi crescendo. Foi pondo andares por cima de andares na sua intelligencia. E hoje, p'ra gente conhecê-lo de perto, precisa tomar elevador. Isto é: precisa ter uma culturasinha.

Palavra.

Basta que eu diga que elle interpreta todo esse movimento moderno e fala de James Joyce com a mesma facilidade com que uma garota actualissima passa "baton" nos labios.

Tambem elle é um dos moços de mais talento e sensibilidade da minha terra. De Alagôas.

Não sei se vocês o conhecem.

É um poeta moreno, magro, alto, desleigante, que ha mais de um anno lhes pertence. Que ha mais de um anno anda no meio de vocês. Nas ruas. Nos cinemas. Nos jardins. A' sghida das missas. A' hora do "cocktail".

Mas Paulo Malta Filho é muito



... e um sorriso de Miss Monteiro

médroso. Muito tímido. Só se vendo como elle fica quando ouve trovoões ou vê mulheres bonitas. Nem parece que é filho de Nosso Senhor... E como é que a gente pôde ser notado quando tem medo de trovoões e de mulheres bonitas? Daí, talvez, a razão por que vocês não o conhecem ainda.

Elle hoje apparece, porém, nas paginas de "P'RA VOCE". Publica um dos seus mais lindos poemas. E dagora em deante vocês estarão sempre em contacto com elle. Porque tudo depende de principiar.

De perder a cerimonia. A mais, eu tenho a certeza que vocês não de ficar com a bocca cheia dagua quando o acabar de lêr. E como aquelle menino, guloso, de que falou outro dia o meu amigo Zé Auto, não de pedir mais.

Está claro, que me refiro exclusivamente ás pessoas de sensibilidade. (Tá ouvindo, doutor Mario Mélo?) E isso não pago pena dizendo. Porque Paulo é um poeta p'ra gente-grande. P'ra "élites". A sua poesia é de um modernismo finissimo. Não tem nada de "páu-brasil" nem de "verde-e-amarello".

É puro lyrismo. Mas não esse lyrismo dos versos de Perylló d'Oliveira, sempre impregnado de uma dôr profunda, que constitue, quer olhada pelo direito ou pelo avesso, a sua constante obsessão. Nem esse lyrismo de Ribeiro Couto, que é como que a musica triste dos bairros pobres e viciados, repletos de mulheres chloróticas e franzinas, que "vivem de mãos abertas" para a "poetira" da illusão e da morte".

Não. O lyrismo de Paulo é puro e ingenuo, sem ser infantil.

Não possui quase nada de subiectivo. São Francisco da Assis se voltasse ao mundo o leria com muito gôsto. Porque elle busca sempre os seus motivos na propria natureza. O de hoje, por exemplo, Paulo o foi colher nas arvores, "esses guarda-chuvas dos passarinhos e aos transeuntes vagabundos".

É pena que esse seu poema seja todinho escripto em francés. Isso porque muitos o irão julgar um pedante. Um cabotino. Mas não é. Paulo é antes um preguiçoso. Um commodista. E assim achou muito mais simples escrever o seu poema em francés a ter de botar depois do titulo entre parenthesis uma phrase mais ou menos como essa: "Aos vernaculistas, aos illustres e emeritos criticos do Recife, eu quero pedir um favor: deixem em paz a orthographia e os pronomes mal collocados desse meu poema"...

Não foi melhor?

A arvore que o menino viu...

Amigo:

*Eu vi uma arvore engraçada.
uma arvore de fructos brancos,
fão brancos que eu tive mêdo que Deus estivesse lá dentro.
O menino ingenuo contou-me esta historia
e foi pescar a lua que elle dizia tomar banho na laguna de riba
todas as noites.*

Noutro dia voltou.

Amigo:

*Eu menti hontem sem querer.
O que a arvore engraçada tem não são fructos, são flores,
umas flores que teem pennas, como azas,
umas flores fão alvas que eu não quiz apanhá-las
com receio que Deus brotasse, de repente, do meio das coróllas.*

*Eu fui ver a arvore curiósa.
O menino tinha razão. Às flores
eram de pennas, as pennas eram de azas,
e eram as garças mais brancas que eu já vira na vida...*

A B C U A R B A S T O S



Convento de S. Francisco
Iguarassú

Photo Farahim

A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

Minha deliciosa amiga:

A sua consulta sobre um tão frívolo assumpto põe-me numa relativa dificuldade. Precisamente porque nem sempre é fácil dar uma resposta completa às consultas que versam sobre assumptos frívolos.

E' certo que um chronista mundano tão tem o dever de desprezar as pequenas frivolidades que fazem o melhor encanto desta vida. Como chronista mundano, eu tenho a obrigação de conhecer todas as novidades creadas por Paris, Londres, New-York e Hollywood. Mas os perfumes... Que direi sobre os perfumes? Como satisfazer a sua curiosidade?

— "Quaes os perfumes agradáveis? Quaes os desagradáveis?"

Acho que não ha perfumes desagradáveis. Apenas a gente pôde aborrecer certos perfumes, "tout simplement" porque os perfumes também passam de moda.

Você se lembra daquellas creações de Coty? "L'Or", "Paris", "L'Organ". Foram tão finas, tão cheias de "sophisma"... Mas passaram. Depois veio Caron com o seu Narciso Negro. Passou também. Em seguida: Worth, Isabey, Arys, Lelong, Chanel, os costureiros. "Vers le jour", "Dans la nuit", "Les pois-de-senteur de chez moi", "Mon seul ami", são todos perfumes agradáveis, perfumes de estylo, perfumes da móda.

Em breve passarão. Serão perfumes desagradáveis.

Por enquanto, eu prefiro aquelle perfume que você usa e cujo nome ainda não sei.

JEAN

ANNIVERSARIOS

HOJE:

Sr. Mario Sette.
Senhora Laura Sette.
Senhorinha Heloisa Raposo.
Senhora Marilita Machado Coimbra.
Sr. José Ferreira Chaves.

DIA 20: —

Sr. Arthur Pinto de Lemos.
Sr. Manoel Moraes de Oliveira.
Senhorinha Ignez Borges de Sant' Anna.
Senhora Ignez Temporal Costa.
Senhorinha Lea Castello Branco.

DIA 21: —

Senhorinha Cleonice Coutinho.
Senhorinha Lily Seixas.
Sr. José Henrique de Queiroz.
Sr. Joaquim de Sousa Navarro.

DIA 22: —

Dr. Caio Pereira.
Senhora Luísa Wanderley.
Senhorinha Maria de Lourdes Cavalcanti.
Sr. Nelson Firmo.
Sr. Antonio Franco Accioly.

DIA 23: —

Sr. Oriando Ferreira.

Senhora Arlinda Araujo Pereira Carneiro.
Sr. Ramiro M. Costa.
Menina Noemia Moreira.
Sr. Moacyr Maciel.

DIA 24: —

Senhora Helena Castro Magalhães.
Dr. Romulo Prazeres.
Dr. Oscar Napoleão Carneiro.
Senhora Laura Toscano de Britto.
Senhorinha Tracy Autran.

DIA 25: —

Dr. Pedro Allain Teixeira.
Dr. José Semeano das Mercês.
Senhorinha Luísa Revoredo.
Menina Maria José Bezerra.
Sr. Herminio Chaves.
Senhorinha Lia da Paz.

DIA 26: —

Senhora Candida de Moraes Moura.
Sr. José Aurelio Filho.
Dr. Nelson Mello.
Senhorinhas Antonietta e Alice Patva
Sr. Pedro Augusto de Carvalho.

NASCIMENTOS

A 23 de Março nasceu o menino João Kepler Hayden Fontenelle, filho de d. Candida H. Fontenelle e do Cap. Raymundo V. Fontenelle.

NOIVADOS

Estão noivos a senhorinha Marjeta d'Amorim Dubeux e o senhor Lindolpho Altino de Araujo.



Festa de aniversario do Sport Club do Recife



Caçando Ratos

Photo de A. C. Gonçalves

O Marido de Madame

Que encanto que é o marido de Madame!
Toma banhos de mar, fuma Pour la noblesse.
Não ha casas de chá onde elle não derrame
O ar juvenil da sua èternelle jeunesse.

Quem vê o agil aplomb com que se move
E o apuro inglez com que se paramenta,
Não diz que elle já fez cincoenta e nove
E está quasi na casa dos setenta.

Ella, entretanto, pouco liga áquella
Graça fascinadora, em alvorôço.
Ella com o tempo é cada vez mais bella,
Elle com o tempo é cada vez mais moço.

Ella só tem quarenta. Pela rua
Quando passa na gloria do mormaço,
Ainda escuta dizer: vae pouco nua
Mas vale um sacrificio...Que pedaço!

Ella sorri. Nada lhe agrada tanto.
Tem vivido no fausto do alto meio,
Só para ouvir, feliz, de cada canto,
A caricia do eterno galanteio.

Este diz:—é uma flor. E como é lenta!
E outro:—eu inda não sei onde ella mora!
Vem o marido rindo e os apresenta,
Agradece por cima e vae-se embora...

Na sociedade, em taças de veneno,
Bebendo o fel de tudo o que se trame,
Como sabe viver calmo e sereno
O excellente marido de Madame.

É um producto da época. Adaptou-se
Ao jazz-band que rug e que esbraveja,
Quando abre a bocca num sorriso doce
Consegue tudo aquillo que deseja...

Podia ser ministro. Mas quem pensa
Offerecer-lhe cargos menos serios.
A elle que teve e tem a gloria immensa
De tudo conseguir nos ministerios.

Na moldura moderna da Cidade
Nunca é demais que o publico proclame
A graça, a sympathia, a mocidade
Do risonho marido de Madame.

J O Ã O D A A V E N I D A



Hilda Souza Canto



Margarida Ferreira



Edesia Lemos



Yolanda Santos

Miss Olinda



Guiomar Santa Cruz de Araujo, Yolanda Santos, Glauce Pinto



Neñita Argos de Alarcon



Graças

Constança Pontual



Amy Seixas

Miss Monteiro

A MENINA QUE NÃO FOI MISS

A menina bella e triste do meu bairro tagarella
 a menina triste (ai della!)
 não foi **miss**... Oh! não senhor!
 Nem por isso, todavia, nem por isso deixou ella
 de ser linda, de ser bella
 sem **pintura** e sem **favôr**...

Bella e pura, que lhe importa não ter sido a mais votada,
 se eleição não vale nada,
 se voto jamais valeu?...

Não foi **miss**... Mas, ora graças! Não será **entrevistada**...
 (Que, a respeito das **eleitas**, quanta coisa ultra-engraçada
 já se disse e já se leu!)

Não foi **miss**... Mas (Ora graças! Vá de tanto macaquismo!
Miss... Por que este anglicismo?
Miss... Meu Deus, que coisa **pau!**)
 não dirá coisas tão graves... não fará tanto humorismo
 sobre o pobre **futurismo**,
 que aliás não é tão máu...

Bella e triste, adora os poetas. Nada tem de **litterata**...
 (Tagarella e caricata,
 quanta aspira ao premio vão!)

Bella e triste, bella e pura, meiga, simplice cordata,
 é uma flôr etherea e grata
 de belleza e de emoção

Não foi **miss**... Por isso mesmo, não se viu na contingencia
 de **bancar** inteligencia
 nas columnas dos jornaes...

.....
 Que o concurso é de belleza (que pobreza! que indigencia!)
 mas se fosse de eloquencia,
 renderia muito mais...

C H R I S P I M F I A L H O
 M O V I E T O N E

eu poderia muito bem iniciar esta
 phrase com letra maiuscula. Mas não
 quero. Não quero porque você havia
 de julgar cabotinismo de minha parte
 o simples facto de ter escripto aquelle
 eu com E maiusculo. Afinal de contas
 tudo isso não passa de uma grande to-
 llice. Tollice, sim, porque para evitar
 aquillo era bastante não explicar aquillo
 mesmo e vice-versa...
 (Veja Hegel: "o effeito é a causa da
 causa" etc.)

* * *

Isto faz quem não tem o que fazer.
 Ou quem se mette a escrever com son-
 no e sem objecto (Isto é aquillo, isto
 é o que deixei dito lá por cima.)
 Estou no segundo caso. Mas, você ja-
 mais me perdoaria o não ter escripto,
 como ainda hontem me pediu, quel-
 quer coisa a seu respeito. E eu não te-
 nho interesse algum em que você se
 zangue commigo. Muito pelo contra-
 rio...

* * *

Para começar: Você, minha encanta-
 dora amiguinha, não soube escolher
 um logar para nascer. No Brasil é que
 não ficou bem. Seus olhos são duas
 photographias quentes e animadas dos
 lagos crystalinos e azues da Suissa, co-
 mo nos devaneios ingenuos de Ander-
 son. Você foi esculpida em linhas fin-
 nas e transparentes como um crystal
 da Bohemia, Moldada em curvas ro-
 ceas e macias de algum Sévres anti-

quissimo. E, na fayence caprichosa
 das pernas que você tem, a malha de
 séda leve como um sonho e justa com
 um beijo só serve para alterar a har-
 monia das formas...

* * *

O andar, caprichoso e subtil como
 um fox-blue da ultima remessa... ca-
 bellos inglezes, côr das esterlinas...
 labios como os morangos de Palermo...
 mãos iguaes aos lirios de Florença...
 e um coração gelado e incomprehen-
 sivel como a novidade fria de um mar-
 ren-glacé entre os negros do Congo...
 Eu mesmo não saberia escolher ne-
 nhum desses logares para você. Mas, o
 facto é que você é o que é: maravi-
 lhosa. (Essa questão de nacionalidad:
 não vem ao caso).

* * *

Você conhece aquella morena falsa,
 côr das garrafas de Cointreau? Pura
 charlatã, minha amiguinha. Jongleu-
 se, diria um parisiense. Num jogo ha-
 bil de maquillage disfarça-se em boni-
 ta. E aquell'outra ruiva como um co-
 cktail... E mais esta, rubicunda como
 uma suéca... E quasi todas. Coty de-
 via ser processado por vender tanto
 disfarce. Felizmente você não precisa
 desse eterno carnaval. Porque você é
 nata. Duma belleza irizada de mysti-
 cismo. Mysticismo simples, sem a ex-
 pressão sobrenatural das telas de Ra-
 phael. Pelo contrario: d'un mysticisme
 tout animal, escreveu algures Maurice
 Reynal...

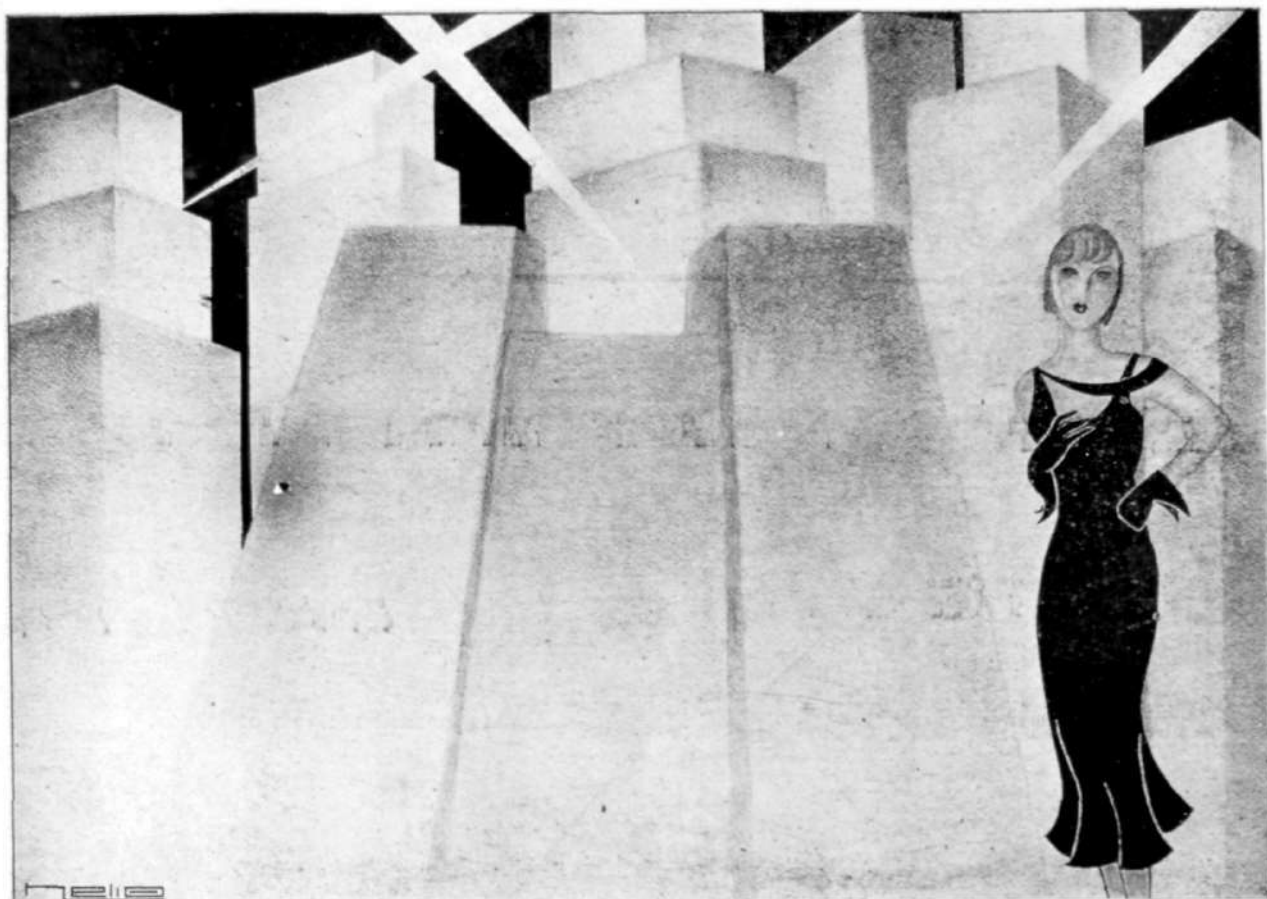
Na vida, falta-lhe apenas um nadi-
 nha de pratica. E uma harmonização
 mais completa do ambiente. Por exem-
 plo: faça o seu namorado pintar de
 outra côr a baratinha Crysler. Aquelle
 tom azul claro fica bem para grinaldos
 de campanario. Vamos civilizar as cô-
 res. E para isso, nada ha de melhor do
 que as **nuances** do ultra-cubista e ori-
 ginal Maquin...

* * *

Não pense na vida. Pensar na vida
 cança de viver. E tem o peso de um
 destino, mais ou menos como Antonio
 Ferro. Deixe de uma vez Barclay, Ar-
 del e Chantepleure. Vamos cuidar no
 Costallat e no Vautel. E mais em to-
 da essa mocidade franceza que escre-
 ve uns livros aos quaes o papae alluce
 entre dois grandes massacres no **fole-**
gras, á hora do jantar: "são fortes para
 as moças". Escute: depois do dentista,
 é tão facil dar pulinho ás livrarias! ..

* * *

Você é loira, dum loiro pallido como
 uma taça de champagne... A proposi-
 to: vamos amanhã ao Gloria? Eu ado-
 ro cada vez mais o **wiskey and soda**.
 E você, para não dar nas vistas, chu-
 pará civilizadamente um **cocktail**, de-
 vagarinho...



A R R A N H A - C É O

Poema de Alvaro Lyns

que Helio Illustrou

*Ainda hoje eu tenho queixa do meu pae...
Ele foi o culpado da maior doidice de minha vida.
Uma doidice maior
do que todas as minhas doidices liricas: nascer...*

*Mas, um dia, eu senti uma estranha alegria
em ter nascido...
Fei quando você veio, meu grande amor pequeno...
Trouxe nos seus gestos endiabrados
a loucura de um amor diferente...
A sua boca morena e rubra,
fantasiada de rouge,
encheu a minha boca inquieta
de beijos impossiveis
que pareciam não ser desta terra...*

(A maneira incrível que você tinha de beijar...)

*Nesse tempo eu ainda era romantico...
Romantico e suave como um poema de Heine...*

*Ergui na minh'alma sonambula e vasia
um arranha-céu parecido com você...
Um arranha-céu decorativo
enfeitado de sonho e de amor
onde morava uma creatura inutil: a felicidade...
No ultimo andar
os seus cabelos da cor da noite...
No apartamento onde ficavam os seus olhos
havia muita luz, muita luz...
Eu gostava muito d'ele!
Dona Moda é uma agitadora sem geito...
Desfraldou a bandeira vermelha da revolução
e derrubou o Amor
para vencer a candidatura do "Flirt"...
Os rapazes da cidade
iniciaram uma perseguição semi-policial
contra você
e, com os olhos injetados de "cock-tail" e cocaina,
destruíram o meu arranha-céu muito bonito
que era até parecido com você...
— O odio fantastico que eu tenho de Dona Modal*

A MULHER MYOPE...

Por CARLOS PAURILIO

Foi a unica mulher de oculos que eu tive a ingenuidade de achar linda e de fazer a côrte.

+++

Um dia, em que ella vinha sem os oculos e eu ia andando distrahido, houve um choque que resultou em amor.

O amor é uma cousa bella, mas depende muita vez de myopia, distracção e calçadas estreitas.

+++

O primeiro encontro com uma mulher myope é sempre inopinado, intempestivo: vale por um abaloamento.

+++

Muitos rapazes se illudem com a insistencia de certos olhares femininos, que interpretam como prova de excessivo amor.

Nem imaginam que ha muitas mulheres myopes no mundo e que em vez de os olharem, ellas estão é procurando enxergal-os.

◆ ◆ ◆

Porque ella era myope, eu senti logo um irre-

sistivel desejo de brincar de esconde-esconde.

+++

Perto della, era o seu benzinho. Mas, si me arredasse dois passos, voltava a ser um estranho.

+++

Ella tirou os oculos para dar-me o beijo inicial, procurou a custo os meus labios e involuntariamente beijou-me o nariz.

+++

Pensei nas nupcias com uma mulher myope e nas suas desastrosas consequencias.

Para casar-me com ella, que tinha a vista curta, o geito seria comprar todos os oculos que houvesse então na praça.

A felicidade domestica, para nós, dependeria da falta de lentes bicôncavas.

+++

Emfim, por causa da myopia, ella principiou enganando-se em distinguir-me entre os outros e terminou enganando-me com os outros.

ELOGIO DA BARBEIRA

Nenhuma questão, para mim, de interesse mais palpitante (muito mais que politica ou finanças) do que a substituição, nas barbearias, dos barbeiros pelas barbeiras. Nada mais logico mesmo. Porque o barbeiro por mão mais leve que tenha, por mais carinho que nos dispense á barba, por mais consideração mesmo que tenha pelo freguez, nunca que elle possa competir com uma barbeira mesmo incompetente. Eu, de minha parte, confesso, que, de corpo e alma, entregaria, abnegadamente, o meu rosto a qualquer Figara de unhas espedhantes e meio palminho gostoso de cara. Para aprendizagem. Della e minha.

Della para navalhar-me. E minha para supportar-lhe, christianmente as cutiladas.

E' verdade que as esperas seriam mais longas, porque a affluencia seria amior. Na barbearia não se discutiria mais politica nem se contariam mais anedotas immoraes. Não hãtir-se de homem de espirito, (ás vveria mais barbeiro a querer traveszes elle o era e até mais interessante que os das Academias!) não precisaríamos mais ler revistas atrazadas ou jornaes do dia porque as gentis depilladoras sorririam para nós com carinho e então o tempo passaria, sem que o sentissemos. Ficariamos esperando cada um a sua vez, pacientemente

E haveria um até que agradeceria a Deus ter chegado por ultimo...

E que outros affagos os feitos por mãos de mulher! Demorar-se-ia muito na cadeira e pedir-se-ia á barbeira para raspar até as sobrançellas...

E quando saíssemos, sairíamos com saudade da barbeira e com desejo que

a barba crescesse logo para que podessemos voltar horas depois. As "barbas" seriam diarias. Os "cabellos" semanais. Não se faria mais barba em casa.

E eu, que sou romantico, sacrificaria á barbeira a minha longa e querida cabelleira negra.

Mandaria cortá-la assim como os inglezes. Se as barbeiras vierem, meu Deus, eu fico liso...

J O S É A U T O



RUA NOVA

A proposito de colaboradores

"P'ra Você", desde o seu primeiro numero, tem recebido uma verdadeira inundação de versos. Não ha ponte que se aguente com as "baronezas" lyricas. Diariamente chega-nos collaboração poetica, acompanhada dos infalíveis elogios: "Submetto estes versos á vossa intelligente apreciação, etc., etc."

Mas nós já sabemos: Si os versos forem publicados é porque a nossa apreciação foi mesmo intelligente. No caso contrario, somos burros, imbecis, cretinos e outras cousas amaveis.

Aliás, não se trata aqui de bons ou de mãos versos.

Trata-se apenas da avalanche de sonetos, quadrinhas, balladas, modernismo mal comprehendido, etc.

Afim de evitar possiveis contrariedades, prevenimos que, de agora em diante, a direcção de "P'ra Você solicitará toda e qualquer collaboração.

E, a exemplo do que fez a "Revista de Antropofagia" de S. Paulo, lançamos este angustioso S. O. S.:

"Prosa urgente, pelo amor de Deus!"

Carta a uma bôa senhora que passa...

Não sei porque, minha Senhora,
quando eu a encontro pela rua, á-tôa,
e a toda hora,
sem motivo,
não sei porque sua pessoa
bella, e bôa
com grypho e reticencia,
a um só tempo me enerva e me arrebatada
e me deslumbra e me entristece !
Não sei... E quédo pensativo.
Será, talvez, porque V. Excellencia,
de tão fina, de tão dissimulada,
aos olhos da Cidade não parece
ser a mulher tamanhamente ingrata
— linda, mas desalmada ! —
que minha alma adivinha e reconhece,
por meu mal?
Será? Mas, afinal,
a sua régia, a sua estranha vida,
regular para alguns; para todos, comtudo,
divertida porém mysteriosa,
(no intimo tão ingloria,
todavia),
de-certo não a sei eu só...
E' tão commum u'a mulher fingida...
Tão natural quando é assim formosa
como V. Excellencia...
Oh! Apesar de tudo,
como eu me exalto e me commôvo
se a encontro assim — tão linda ! — pela rua,
quando, por sacratissimas razões,
V. Excellencia só me inspira dó

e, em vez de hosannas, miseréres !...
(Sim, porque não ha só maledicencia:
alguma coisa de verdade no ar fluctúa...)
V. Excellencia... Emfim... Mas... Quem diria?!
Ora...
Que insensatas, as minhas illusões !
O certo é que, minha Senhora
(perdõe, se a phrase nada tem de novo):
"Só as mulheres bellas têm historia"...
Que aneddotas sublimes, as mulheres !
A virtude jamais levou á gloria...
V. Excellencia está no seu direito:
E' bella... tem de ser ingrata e má...
Mas, Céus ! por que desvairo deste geito?
V. Excellencia vai sabêl-o já:
Quando eu a vejo assim, tão falsa e tão bonita,
tão magestosa e soberana
(apezar de tão sonsa tão leviana !),
penso em alguém que ainda se engana
e que V. Excellencia ha tanto infelicita...
E' então que me deslumbro e me entristeço,
porque sua belleza, que atordôa,
sempre que a vejo por ahi á-tôa,
me faz pensar noutra mulher fatal...
Porque V. Excellencia — esta é a verdade
que affirmo sem receio —
na formosura como na crueldade
(V. Excellencia não me leve a mal),
é a encarnação de certa Isaura, que eu conheço
cdesde criança,
de uns versos muito páus de um poeta muito feio
que se chama Cyridião Durval...

J O Ã O - D A - R U A - N O V A

Collaboração da Amazonia

Abguar Bastos — Belem

Abguar Bastos é dos mais jovens e interessantes poetas paraenses. Mas poeta mesmo. Em toda a extensão do vocabulo, como diria, emphaticamente, o doutor Mario Mello. Mas um poeta com esse geito de dizer as coisas pela metade, que é o mesmo que dizer subjectivamente. Isto mesmo: subjectivamente.

O engraçado é que Abguar não aprendeu isto com os outros. Elle já nasceu sabendo. E desde que começou a fazer poesia foi assim: com esse gosto de não dizer tudo. Livrando-se, dest'arte, elle, que faz poesia regional, de cair no regionalismo chambão que vive atravancando tudo quanto é vitrina de livraria.

"Flaminassu" é um livro bonito que Abguar escreveu e precisa publicar. Poesia amazonica. Ingenuas lendas de indios. Meias tintas. Surdina. Nada de espalhafato sanjoanêscos de adjectivos-bomba-de-vintem.

Poemas macios como rêdes e mysteriosos como a propria floresta.

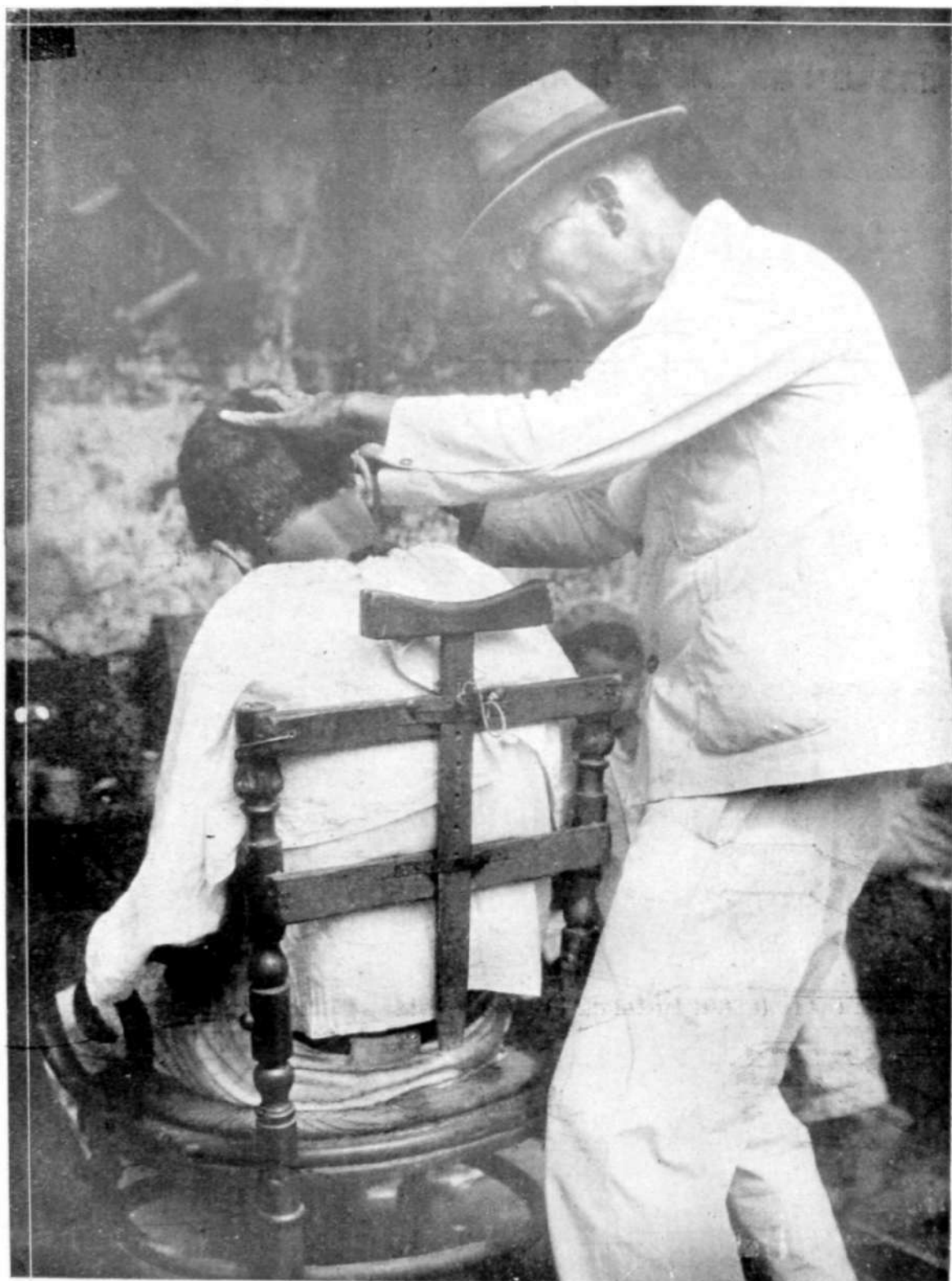
"P'ra Você estampa, hoje, "A Arvore que o menino viu", um poema onde a gente vê que Abguar é dono de uma sensibilidade finissima.

J. A.

les arbres

*les arbres, ces para-pluis des oiseaux
et des voyageurs languissants
quand lentement, vient l'automne
et les serre d'un embrassement tout à fait blanc
ils dsvienntent si tristes
qu'on les entend murmurer des ahns, ahns, ahns, ahns...
mais, des qu'arrive l'été, les arbres
deviennent si joyeux si contents
qu'on les voit prendre des nouveaux habits
en chantant des lyriques louanges
et alors, comme il est beau de voir
la libre approvation qui leur donnent
les propres ombres...*

paulo malta filho



Barbeiro de Feira

F. FEBELLO

O BRASIL ANECDOTICO

O ORGULHO DE ALENCAR

O Imperador Pedro II não tinha grandes sympathias pessoas por José de Alencar. Porque este o houvesse ferido por mais de uma vez pela imprensa, ou porque lhe fizesse mal o amor-proprio, ou melhor, o orgulho do escriptor, foi o soberano contrario, desde o principio, á candidatura do seu ministro da Justiça á cadeira de senador pelo Ceará. No dia em que este lhe foi communicar que era candidato o monarcha objectou-lhe:

— No seu caso, não me apresentava agora; o senhor é muito moço...

Alencar, num d'aquelles repentinos que lhe eram habituaes, não se conteve.

— Por esta razão, — disse — Vossa Magestade devê ter devolvido o acto que o declarou maior, antes da ida-de legal...

E tomando conta de si:

— Entretanto, ninguém até hoje deu mais lustre ao governo...

O Imperador não lhe perdoou, jamais, esse impeto, vetando, como se viu depois, o seu nome, que era o mais votado da lista.

•••

OS MELOES DO BERNARDINO

Achava-se Francisco Octaviano uma tarde no escriptorio, quando lhe appareceu o seu velho camarada Carlos Bernardino de Moura, redactor da "Patria", de Nictheroy, e pediu-lhe algum dinheiro para levar á familia, que não tinha o necessario para as despesas do dia.

— Olha, Bernardino, vamos dividir irmamente o que eu tenho no bolso, — propoz o poeta.

E tirando da algibeira quarenta mil réis, passou vinte ao camarada.

Melhor hora depois, ao sair do escriptorio, encontrou Octaviano o Bernardino na rua do Ouvidor, á porta de uma confeitaria, sobraçando dois vistosos melões "casca-de-carvalho", que se não compravam por menos de dez mil réis cada um. Deu-lhe caça, tomando-lhe a frente.

— Olha, Bernardino, — disse, detendo-o.

E tomando-lhe um dos melões:

— Vamos dividir isto irmamente!

SENADORES "BARBEIROS"

Zacharias de Góes e Vasconcellos era orgulhosissimo e fazia questão de, quando falava, ser ouvido attentamente por toda a casa. Um dia achava-se elle na tribuna, quando notou que dois velhos collegas, o Barão de Rio Grande e o Barão de Piaçama, que eram profundamente surdos, conversavam em voz alta, para se entenderem, sobre navalhas afiladas. Zacharias parou. E como a interrupção causasse estranheza:

— Estou esperando que os Erões de Pirapama e do Rio Grande acabem de se barbear!

•••

OS ALTOS E OS BAIXOS

Na sessão de 6 de setembro de 1869, atacado por Zacharias, José de Alencar, ministro da Justiça, investiu-o galhardamente. Zacharias forte e esbelto, o havia chamado de "fanadinho", procurando ridicularizar a sua pequena estatura.

— Ora, senhores — bradou Alencar, em meio do seu discurso, — sei que alguns homens altos, e aqui não ha certamente d'esses, — costumam curvar-se para poderem passar por certas portas; mas os homens baixos têm esta vantagem, nunca se curvam. Quando passam pelas portas baixas ou pelas altas, como esta do Senado, trazem a cabeça erguida!

•••

O ESCRAVO COROADO

Em uma das suas audiencias dos sabbados, em que attendia a toda a gente, recebeu D. Pedro II no Paço da Boa Vista um preto velho, que se queixava dos maus tratos de que era victima.

— Ah, meu Senhor grande, — lamentava-se o misero, — como é duro ser escravo!

O Imperador encarou-o, commovido.

— Tem paciencia, filho, — tranquillizou-o. — Eu tambem sou escravo... das minhas obrigações, e ellas são muito pesadas! As tuas desgraças vão minorar...

E mandou alforriar o preto.

O NETO DE MARCO AURELIO

Ao contar a Victor Hugo o modo por que distribuia o seu tempo, o Imperador Pedro II observou-lhe que não tinha "direitos" sobre seu povo: tinha "deveres", que lhe couberam por acaso da fortuna e do nascimento.

E o poeta, commovido:
— Senhor, sois um grande cidadão! Sois o neto de Marco Aurelio!

•••

SANGUE E FLORES

Votava-se no Senado a lei do Ventre Livre, a 28 de setembro de 1878. Nas tribunas do Senado, repletas, appareciam as figuras mais eminentes do mundo diplomatico, e entre essas, o ministro dos Estados Unidos. A discussão do projecto foi brilhante e vigorosa, sob a presidencia de Abaeté. E quando, pela votação, se verificou a victoria de Rio Branco, o povo que enchea as galerias irrompeu em manifestações ao grande estadista langando-lhe sobre a cabeça braçadas e braçadas de flores.

Terminada a sessão, o ministro dos Estados Unidos desceu ao recinto para felicitar o presidente do Conselho e os senadores que haviam votado o projecto. E coihendo, com as proprias mãos, algumas flores, das que o povo atirara a Rio Branco, declarou:

— Vou mandar estas flores ao meu palaz, para mostrar como aqui se fez d'este modo, uma lei que lá custou tanto sangue!

•••

IRONIA "VERSUS" GROSSERIA

Certo dia, passava Emilio de Menezes pela Avenida Central, quando cruzou com um deputado seu conhecido, que não primava pela educação, e que o obteve pela manga do casaco.

— Vem cá, ó Emilio... Quero dar-te a honra da minha companhia... Vamos tomar alguma coisa...

— A honra? — fez, com ironia, o poeta.

E com orgulho, desembaraçando-se do atrevido:

— Obrigado, meu velho; você já está tão desfalcado!..

O IMPERADOR E MARTINS JUNIOR

Era Ferreira Vianna ministro no gabinete João Alfredo, quando, em um concurso na Faculdade de Direito de Recife, Martins Junior, republicano e positivista, tirou o primeiro lugar em um concurso, contra o filho de um dos maiores do governo na provincia. O Imperador defendia, a todo o transe, Martins Junior, contra os interesses do gabinete.

— Elle é republicano, magestade! — allegou Ferreira Vianna.

— Isso não é razão, — contestou o monarcha; — a fé republicana não o impede de ser um bom professor.

— Depois, é um atheu.

— Aida menos, tornou o soberano. — Todas as crencas podem ser admittidas, desde que sejam sinceras.

Ferreira Vianna sentiu-se vencer, e reagiu:

— Bem, Vossa Magestade, dispensa no civil, mas eu não dispenseo no religioso!

E fechou a questão.

•••

A EXALTAÇÃO DOS HUMILDES

Era Serzedello Corrêa ministro de Floriano, quando, um dia, enveredando pela casa em que residia o presidente, o encontrou á mesa de jantar, tendo a seu lado, na cabeceira, um soldado pretinho, carapinha branca.

— Meu velho amigo da campanha do Paraguay, — apresentou Floriano.

E para o ministro:
— Foi um bravo. Saude-o! Serzedello apertou-lhe a mão.

•••

O SEGREDO DA BRAVURA

Osorio era, por indole, gracejador e espirituoso. Em um pique-nique que lhe foi offerecido no Corcovado, uma senhora, a quem havia dado o braço, perguntou-lhe em que consistia o segredo da sua bravura.

— Eu fui valente por medo... — informou o heróe.

— Medo?

— Sim; tinha medo de que as minhas patricias bonitas não me recebessem bem, se me portasse mal nas bata-lhas.

CINEMA OS PROGRAMMAS DA PROXIMA SEMANA

A URANIA-FILM

APRESENTA A DELICIOSA ALTA-COMEDIA

BELLA PECCADORA

Num compartimento do trem de luxo Londres-Veneza, viajam a millionaria Lillian Thompson e, á sua frente, o celebre detective Harry Kent. A trefega e encantadora americana procura despertar a atenção de seu visinho, por quem sente viva sympathia.

Os seus esforços, contudo, não logram resultado. Kent está com o pensamento interessado em descobrir o paradeiro de uma aventureira.

Em Ostende, o famoso argus desembarca. Lillian segue-o e encontra-o, mais tarde, no hall do luxuoso hotel, flirtando com a bella marquiza Beatrice por quem se mostra de todo interessado.

Dia a dia augmenta o amor da linda millionaria pelo detective, mas, vendo que nada consegue, resolve ir embora. Por acaso encontra uma carta endereçada a Kent, a qual esclarece estar o detective á procura de uma aventureira que se diz marquiza.

Lillian mediante esse documento e um cheque de 10.000 dolares consegue que a falsa titular desapareça. Caracterisa-se no typo predilecto do homem amado e faz o papel de Beatrice, auxiliada por um amigo desta. Ninguém adivinha a troca das pessoas. Só mais tarde, Kent encontra um livro e uns oculos que lhe recordam a figura de sua companheira de viagem. E' sua intenção pôr-se no encalço de Lillian Thompson, mas esta, ao sentir-se presa, garante ser Lillian Thompson. Kent finge não acreditar e prende a moça num appartamento, voltando no dia seguinte para dizer que só fizera isso



afim de dar uma lição á trefega apaixonada.

Não precisavam de muitas palavras, para se encontrar os namorados: brincando com o amor, conseguiram a felicidade.

"A ARCA DE NOÉ"

Continu'a, no PARQUE, o enorme successo alcançado pela super-produção sonora da Warner Bros, distribuída pelo programma Matarazzo, "A ARCA DE NOÉ".

Os principais papeis pertencem aos admiradissimos "astros" George O'Brien, Dolores Costello e Noah Beary.

O filme, que apresenta notaveis momentos de direcção, está cheio de scenas grandiosas, como o desastre de estrada de ferro, a construção da Torre de Babel, Diluvio, etc.

Ainda hoje e amanhã o nosso publico terá occasião de admirar essa verdadeira obra-prima da cinematographia moderna.

PARAISO PROIBIDO



Com Rod La Roque, Adolphe Menjou, Pola Negri, na proxima semana no ROYAL — em réprise.

E' um dos melhores filmes de Pola Negri, com montagem sumptuosa, e erredo interessantissimo.

PROGRAMMA SERRADOR

LILY DAMITA, A GRAÇA FRANCEZA, NUM FILM BELLISSIMO A BORBOLETA DOURADA

Vendo Lily Damita, em A BORBOLETA DOURADA, esse film encantador que o THEATRO MODERNO começará a exhibir na proxima sexta-feira, lembra-se a gente daquella bella chronica que JULIO DANTAS escreveu para o O CORREIO DA MANHÃ:

"Um professor eminente do Conservatorio de Leipzig, dizia muitas vezes, ao recordar, já na velhice, as memorias do passado: Não ha maior alegria para o coração dum velho mestre, de que saber que um dos seus discipulos queridos attingiu a celebridade." Com effeito, o exito dum talento que nós dirigimos, duma sensibilidade que nós cultivamos, nós sentimos-o como se fosse tambem, um pouco, o nosso tri-

umpho. E quando o discipulo coroado pela gloria — cada vez mais difficil de alcançar! — veio ainda na infancia para nossas mãos, o nosso devanecimento de educadores impregna-se de uma ternura quasi paternal. O professor allemão traduzio bem esse sentimento. Os velhos mestres revivem na gloria de seus discipulos — que se converte para elles numa expressão de immortalidade. Vêlo isto a proposito da celebre Lily Damita, hoje uma das grandes estrelas da arte do silencio, que o Brasil decerto já admirou no "ecran", minando com a sua espirituosissima graça, A BONECA DE PARIS, ou O FIACRE N.º 13, NUIT DES NOCES ou ON NE BADINE PAS AVEC L'AMOUR, e que varios paizes disputam — a França, a Hungria, a Rumania, — como tendo sido o berço da sua belleza e da sua arte. As vetetas do cinema são já muitas e algumas na verdade notaveis pela elegancia serpentina, pela perfeição classica da esculptura, pela vivacidade, pela perversidade, pelo luxo decorativo, pelo poder eminentemente photogenico da expressão. Os melhores exemplares femininos que em animalidade e em espiritualidade, tem produzido a raça, pode dizer-se que passaram nestes ultimos tempos, pela "pantalla" universal. Inutil cite-lhe os nomes, porque toda a gente os conhece. Entretanto, nenhuma talvez dessas mulheres celebres triumphou tão completamente pelas suas qualidades de penetrante subtilesa, de graça delicadissima, de infernal candura — permitta-se-me o paradoxo — como Lily Damita. Ella é, por excellencia, a belleza intelligente, a instinctiva eurythmia, a innocente voluptuosidade, synthese viva de tudo quanto no seu sexo ha de infantil seducção e de candida maldade, pôde dizer-se della, com mais razão ainda, o que um poeta disse de Rachel Meller: "quem ensinaria este anjo a fazer tantas diabruras?" O mysterio que envolve a sua vida e a sua propria nacionalidade tornam ain-



da mais perturbador o encanto de Lily Damita. Romena, hungara, russa, parisiense? Ninguém o sabe ao certo; pelo menos, ainda ha pouco, ninguém o sabia. Vendo-a dançar na tela, na monotonia do negro e branco — de-

(Continua na pagina 28)

c i n e m a

A vocação de Charlot, aprendiz de cabellereiro, nasceu em Londres deante da lanterna magica de um vigario

Se um turista americano pedisse a um londrino para conduzi-lo á egreja situada perto da ponte de Westminster, cujo campanario é ornado de estrellas brancas e listas vermelhas — como a bandeira americana — seria sem duvida accusado de estar fazendo uma brincadeira de máu gosto. E entretanto se alguém der alguns passos sobre a famosa ponte logo percebe a egrejinha. Este extranho campanario mantem-se como uma sentinella sobre a Christ Church, perto da estação do "subway" de Lamberth.

* * *

Pouca gente conhece este recanto onde, no entanto milhares e milhares de pessoas passam todos os dias. E' que, quando se vem de deixar o escriptorio, corre-se rapido em direcção ao bar para comer um sandwich, bebendo um copo de "ale" ou de "stout", e ninguem se lembra de levantar os olhos para os tetos, para as nuvens ou para o céu.

Londres está assim cheio, como disse Stevenson: "de mil coisas desconhecidas".

Essa egrejinha, de campanario americano, possui um côro dedicado á memoria de Abraham Lincoln: "como lembrança da abolição da escravatura", e se poucas pessoas a conhecem, menos ainda tomam o trabalho de visital-a.

* * *

Entretanto, no principio do seculo que certos criticos ousaram nomear o seculo de Chaplin, um joven Londrino conhecia bem este santuario ignorado — ou desprezado. Quando no auge da gloria, elle veiu visitar sua patria, foi a primeira coisa que quiz rever.

Charlie Chaplin — o desconhecido miseravel e o grande homem riquissimo — não somente trazia o mesmo coração do lado esquerdo, como tambem este coração não tinha mudado.

* * *

Eu o conheci bastante para poder dar o meu testemunho e é precisamente por isto que fallo hoje d'elle.

Charlie, inconscientemente, sempre viu um symbolo nesse campanario coberto de estrellas brancas e listas vermelhas. Elle lhe fallava de um paiz desconhecido onde tudo parecia possível; fazia-o o sonhar com viagens e aventuras. Foi á sombra desse monumento sem gloria que nasceu o seu amor pelo film.

* * *

Charlie trabalhava, então, como aprendiz de cabellereiro em Baxter e do campanario. Não era um officio fatigante e, o joven Chaplin aproveitava os seus lazeres para assistir



Hall, perto da ponte de Westminster ás representações de lanterna magica que dava, de noite e de tarde, o caridoso vigario da egrejinha.

Este espectáculo gratuito attraia as creanças de muito longe.

Chaplin era, sempre, o primeiro que se sentava nos bancos de madeira da pequena sala.

Elle contou, um dia, a um de seus amigos — Stan Laurel, creio — que essas representações eram, para elle, o paraizo:

— Eram tambem — confiou-me elle mais tarde — a aventura e a povidade. Por um preço accessivel, mesmo para os pobresinhos que eramos nós, obtinham-se uma chicara de café, um pedaço de puding, ao mesmo tempo que se assistia á crucificação de Nosso Senhor Jesus Christo ou as explorações de don Quixote de la Mancha!"

* * *

Na outra margem do caminho em face da igreja — quartel general de Charlie — achava-se a velhiz "Taverna de Hercules", assignalada á attenção dos transeuntes por um cartaz pintado de uma maneira barbara, representando Hercules luctando contra um dragão em chammas.

Era este um lugar de rendez-vous para o sartistas. Hoje quasi que não existe a profissão e a taverna está mais ou menos abandonada.

* * *

Um gyro até Lamberth Walk não era desagradavel para Charlie — aprendiz de cabellereiro. Imaginam-se facilmente transeuntes extranhos, velhas casas arruinadas, nuvens de poeira. Seguindo Hercules Roal e atravessando Javille Place vae se ter no proprio centro desse extranho lugar.

Foi lá que Charlie passou uma parte de sua juventude, e foi lá que elle escolheu seu extraordinario repertorio de attitudes proprias ao simplorio londrino, o que lhe permitiu crear um character novo no mundo film americano.

* * *

Lamberth Walk é um film de episodios. Um film que não agradará áquelles que percorrem um caminho sempre coberto de petalas de rosa. Não é um espectáculo para os olhos demasiado sensiveis. Mas, dentre todos os logares de Londres, é lá que se descobre mais facilmente a

(Termina na pagina 30)

CINEMA

(Continuação da pagina 26)

licada Salomé moderna em porcelana de Saxe — todo o mundo pergunta quem ella é, d'onde ella vem, qual a sua origem, sob que céo luminoso teria desabrochado aquella flôr de galanteria e de feminilidade. E ella propria cultivava tão bem a curiosidade das multidões que, em Julho ultimo, quando foi a Barcelona com o seu director Miguel Kertz, filmar a DANSEUSE DE GRENADE, perguntando-lhe os jornalistas onde nascera, limitou-se a responder, com o mais espirituoso dos sorrisos:

— Em toda a parte, meus amigos. Sou internacional...

Ora succede que, ha pouco tempo, passou num dos "crans" de Lisboa o primeiro film de Lily Damita. O exito — era natural que assim succedesse — acompanhou-a aquil, como em toda a parte. Mas, entre nós a curiosidade publica foi ainda estimulada por uma circumstancia imprevista. Começou a correr insistentemente o rumor de que essa linda vedeta internacional da arte do silencio, que se permitia ao luxo de não accèptar nenhuma das patrias que lhe offerciam, — era, afinal, portugueza, Portugueza e lisboeta. Indicava-se já o seu nome — Ophelia Lebre; e toda a gente rejubilava porque Portugal que já não pôde com tantas glorias sobre os hombros, possuia ainda a captoza e estonteante gloria de ter produzido uma estrella no cinema.

Mas em breve se reconheceu que não era bem assim; que a creadora de POUFEE DE PARIS nada tinha de commum com Ophelia Lebre; e que se alguma cousa em Lily Damita, lisonjeava ainda o sentimento nacional, não era, infelizmente, o facto de ter nascido portugueza. A identidade da encantadora Lily, com a qual o mundo cinematographico tanto se estava preoccupando, pôde ser finalmente estabelecida em Portugal, tendo concorrido para isso um grande jornalista, Avelino d'Almeida, decerto o nosso critico theatral de mais autoridade, que num brilhante artigo do SECULO, levantou a ponta do véo mysterioso lançado sobre o berço da linda creadora de PAILLON D'OR.

Lily Damita é franceza, nascida em 1904, em Blaye-et-Paint-Luce, perto de Bordéus; chama-se Lilliane Marie Madeleine Carré; vindo ainda creança para Portugal, com sua mãe, matriculou-se aos 12 annos no Conservatorio Nacional de Theatro, onde, durante cerca de tres annos, cursou com distincção a pantomima e a dança de opera; e estreou aos 15 annos, como bailarina, no velho theatro, de São Carlos, de Lisboa. Quer dizer: a arte e a graça com que vem deslumbrando o mundo na tela dos cinema aprendeu-as Lily Damita em Portugal, na escola que eu já tinha então e ainda tenho hoje o prazer de dirigir. Não é com effeito, portugueza; mas nada nos impede de a considerar, pelo menos espiritualmente, nossa filha.

— E se nós fossemos vel-a? — alvi-trou um amigo logo que se soube que a celebre BONECA DE PARIS era a nossa Lilliane d'outro tempo.

Eu não sou, como por exemplo o nosso grande pintor Columbano, um entusiasta do cinema, embora penso que elle offerece por vezes aos artistas elementos de suggestão. Mas, naquele momento, o Trivoli, onde se exhibia uma das fitas de Lily Damita, tinha para mim um especial interesse. Fui. Não me foi difficil reconhecer desde logo, na bella figura de mulher projectada no "ecran" a linda creança, que, havia doze annos, passara como uma ligeira borboleta branca, pelas aulas do Conservatorio. Era effectivamente ella. Mais mulher, sem duvida; mas o mesmo sorriso, o mesmo olhar intelligente as mesmas feições duma delicada espiritualidade, a mesma figurinha aberta em flôr de lys, que noutros tempos encantara a todos dansando na ponta das pequenas sapatilhas cor de rosa, os bailados classicos da GIOCONDA. Será talvez porque as mulheres, como dizia Chamford, são grandes creanças, que as creanças mudam tão pouco quando se tornam mulheres. Recordei então ao vel-a, já celebre, na "pantalla" branca, os primeiros passos d'aquella garota que tantas vezes vinha acolher-se a nós, como um passarito com frio; a sua infantil vivacidade, a alarmante precocidade do seu espirito, a sua coqueteria de pequena mulher, tudo quanto, na creança de ha doze annos, fazia advinhar a grande artista de agora, que continuava, afinal (eu estava-a observando), a ser a mesma adoravel creança, — apenas um pouco mais crescida. Não precisei de admirar por muito tempo Lily Damita para reconhecer quanto a influencia do Conservatorio de Lisboa se fazia sentir na sua arte. Não o digo com o proposito — que seria pueril — de enaltecer a escola que

dirijo, mas com a justificada alegria de verificar que os professores portuguezes, sobretudo Encarnação Fernandes, sua mestra de dança, e António Pinheiro, seu mestre de pantomima, (com quanta graça Lilliane fez, em Lisboa a PANTOMIMA DAS FLORES) alguma cousa contribuíram para formar, com as suas carinhosas lições, aquella pequena perola do cinema. Não sei, neste momento em que escrevo, se elles a viram já; se a viram, como eu, deviam ter sorrido, paternalmente, ao admirar a gentilissima tanagra moderna, duma tão expressiva elegancia, em que se converteu a delicada argilla infantil que durante tres annos tiveram nas mãos. E aqui têm os meus leitores a razão porque ao principiar este artigo, me lembrei do velho professor de Leipzig. Com effeito, não ha jubilo maior para um mestre do que saber que em volta da frente d'um discipulo querido, afinal um filho espiritual, se accendeu a luminosa e tantas vezes dolorosa aureola que se chama a celebridade".

A origem do duello

A Historia antiga nos legou a recordação de varios combates singulares, taes como o de Achilles e Heitor, o dos Horacios contra os Curios, etc., porém esses diferentes encontros nada tinham a ver com o duello, tal como o comprehendemos hoje (isto é: nós... não! Os europeus)...

Os antigos se batiam pela conquista ou conservação de um throno, pela liberdade da patria, pela reacquisição de uma propriedade; porém nunca com o só fim de mostrar coragem ou satisfazer um sentimento privado. Durante as refeições, lançavam copos e pratos ás cabeças dos vizinhos e a honra ficava perfeitamente a salvo em taes incidentes... Os antigos ignoravam inteiramente o uso do duello; não suspeitavam mesmo sua necessidade.

Foi na Germania, que elle teve inicio; ali, de facto, se encontram os primeiros vestigios do duello propriamente dito. Sua origem se perde ali na noite dos tempos; porém é garantida por inumeros monumentos historicos para que não se possa ter duvida a esse respeito.

Ovidio, que um longo e doloroso exilio condemnou a viver entre os germanos, diz que não conheciam outro direito além da injusta intervenção da faca; com ella vingavam-se das mortes, dos roubos e das injurias. De resto, sem recorrer ao testemunho dos historiadores gregos ou latinos, que escreveram sobre os costumes germanicos, na antiguidade, encontramos em suas proprias leis a prova de seu espirito bellicoso e seu gosto pelo duello.

Por occasião da invasão do imperio romano pelos Barbaros, esses costumes penetraram no resto da Europa.



Betinha e Nicinha, filhos do Dr. Octavio Gomes de Moraes Vasconcellos, director do Serviço de Algodão

**MAGGY ROUFF**

Neste conjunto, "tailleur", o casaco em "crêpe" marinho de lã ou de seda abotoa-se até a cintura e termina blusado. O collarinho da blusa em "crêpe à pois" fecha-se com uma aba pertencente ao casaco.

SCHIAPARELLI

A estreita colaboração que a moda procura estabelecer entre o vestido e o "manteau", é obtida neste conjunto onde o leve "manteau" sem forro, se usa sobre um vestido estampado, visível à cintura e ao pescoço.

AUGUSTABERNARD

O vestido de uma só peça busca simular um conjunto. É o caso deste modelo, trabalhado numa leve lã negra, com um "volant" de cada lado.

A longa "écharpe" drapada em seda de listas, passa pela cintura.

"TAILLEURS" E VESTIDOS "MANTEAUX"

HOTEL CENTRAL

Av. Manoel Borba - Recife

End. Telegraphico: HOTCEN

Edificio de 8 andares, com luxuosos apartamentos, magnificos quartos, serviço telephonico em todos os aposentos.

Bar, Barbearia e Grande Restaurant

A VOCAÇÃO DE CHARLOT

(Conclusão da pagina 27)

velha vida alegre das ruas que faz lembrar os romances de Dickens. Julga-se encontrar M. Pickwick em cada beco.

* * *

Além dos estranhos typos de Lam berth havia para o jovem Chaplin varias coisas interessantes a estudar. Entre as coisas grotescas que o impressionavam sobretudo, havia uma casa mortuaria no recanto de Hamish Street, cujas vitrines estavam sempre cheias de esquifes. A loja existe ainda e é sempre uma fonte inexgotavel de diversões para as creanças de Lam-berth.

Havia os raios de sol empoleirados nas velhas casas de High Street; a procissão dos carrinhos de mão dos mercadores, sobre o Walk, todos os domingos; a voz estranha e os gritos da multidão; a magnificencia das laranjas nos mostruários; os rios da Tamisa ao alcance da vista; e o famoso music-hall de Canterbury de Westminster Bridge.

* * *

Nenhuma dessas coisas tem um passado glorioso.

Era, entretanto o que Londres tinha de melhor para offerecer áquellas creanças ricas de dons e pobres de escudos, que as amava e nunca as esqueceu, como elle proprio me disse muitas vezes.

* * *

Que effeitos tiveram essas circumstancias loaes sobre a creança! Sabemos que elle foi sempre um "ar-

tista" e que suas preocupações principaes desde a infancia eram, sobretudo, a pantomima e a arte de representar. Elle ia todos os dias á escola, e, mais tarde, á tenda do cabellereiro mas seu espirito estava cheio de canções e de sketches.

Quando o sino tocava, o somnambulo, desperto, recomeçava a vida. Quando as lampadas se illuminavam, e o attractivo do romanesco dava aos reverberos das ruas de Londres um fulgor mais mysterioso, elle comprehendia enfim a vida, a vida atravez da arte dos music-halls.

* * *

Confundia-se com a multidão que enchia as galerias de Canterbury ou Palacio das Variedades, junto do Elephante e do Castello. Gostava dos corredores por causa dos curiosos que os frequentavam e que mostravam a vida tal qual ella é. Foi nesses logares que elle apprendeu a conhecer o coração popular.

Affeicou-se, mais tarde, com esse amor muito fiel das crianças—que o caracteriza—a tudo o que havia feito parte da sua vida no Sul de Londres.

Todos os seus grandes films estão cheios do movimento, do riso e do espirito das ruas londrinas.

Seus films todos têm por "ambiente" os centros pobres. Elles descrevem salas de cafés e de bars, vehiculos, pobres casas de habitação, áleas e pateos mesquinhos. Charlie não viu os pobres de Londres sob uma luz romantica, mas na impiedosa luz da realidade, enquanto passeiava pelos cães e pelas ruas, observando a ironia e a tristeza de suas vidas.

Chaplin amava os pobres e mais do que isto — comprehendia-os. Tolerava láo bem seus pequenos defeitos e suas vulgaridades que os transportou para os seus films, cujo "humour" terno e cruel, amargo e doce, tem feito rir o mundo inteiro.

* * *

Charlie muitas vezes me contou que nessas ruas brumosas, na sahida da pequena sala de projecção do vigario, elle tinha entrevisto sua futura carreira num porvir que lhe parecia então irrealizavel. Nunca lhe viera a ideia de que essas imagens immoveis podessem um dia se animar. Mas elle estava hypnotisado pela pequena tela luminosa. Vivía na intimidade dos reis, dos selvagens e dos missionarios que enchiam a sala estreita com suas existencias romanticas. Aborreçia a loja do patrão e as tarefas servis ás quaes o constringia a miseria. Como habitar, á semelhança daquelles personagens da tela, este universo, sempre mutavel, onde não houvesse logar para lojas de cabellereiro? Sahir da propria pelle todas as noites, viver um novo personagem todos os dias, somente o theatro poder-lhe-ia offerecer esta evasão. Sua hereditariiedade impellia-o já para o palco; a lanterna magica do vigario fel-o subir.

Um destino feliz guiou-o, em seguida, para um novo meio de expressão, então terrivelmente desacreditado, o cinema.

Elle trabalhou com confiança, e nós tivemos Carlito.

Montgomery

(Continua)

"PRESTAM CONTAS 24 HORAS DEPOIS
DE EFFECTUADO O LEILÃO"

Eusebio Simões & Djalma Simões

— LEILOEIRO —

ESCRITORIO E ARMAZENS:

Praça Barão de Lucena ns. 6 e 10

Phone = 6568

O BRAÇO DO MORTO

(Continuação)

Ri-me, ao despir, dessa recomen-
dação, pois estava morto de somno.
Breve apagaria a vela. Entretanto,
o odor de môfo que sentia no quar-
to estava me incomodando e resol-
vi abrir a trapeira para o arejar um
pouco. Encontrei nessa operação as
mais sérias dificuldades, por causa
do peso da neve, mas eu teimei em
abril-a.

Quando consegui abrir o caixilho,
ouvi sobre o tecto um rolar de pe-
dras, ao mesmo tempo que recebi
em pleno rosto uma lufada de ar
frio; devia ser a neve congelada que
se destacava e rolava. E, brusca-
mente, pela abertura que eu sustinha
com muito custo, um objecto pas-
sou, se fixou, e nelle reconheci logo
um braço de homem, um braço ves-
tido de uma manga desse velludo
grosseiro usado pelos camponeses.

O susto que me causou essa cons-
tatação me fez largar o ferro da
janela, de modo que o braço ficou
preso. Depois de pensar um pouco,
approximei e afinal ousei tactear os
dedos endurecidos: estavam gelados
e estavam como ossos velhos. Não

havia duvida: havia um cadaver so-
bre o tecto.

Palavra, confesso que meu sangue
patou ãe circular. Tenho encontra-
do em minha vida, poucas sensações
tão desagradáveis. Vesti-me apres-
sadamente, sem perder de vista essa
mão immovel que pendia, e reconsti-
tui todo o drama.

Certamente assassinaram-no ahí:
neste mesmo quarto e se desembara-
çaram do morto, de qualquer manei-
ra, devido aos montões de neve que
no momento não permittiam um
transporte para mais longe. Era tal-
vez um turista em apertos, como eu,
a que haviam dado hospitalidade es-
trangulado e roubado. Todos os sí-
gnaes, agora, vinham á minha me-
moria, e se agrupavam: os cochichos
á minha chegada, e o conciliabulo
secreto do homem e da mulher, e
este quarto, que, de antemão, estava
reservado, não tinha fechadura, on-
de, sem que esperasse, viriam me sur-
preender. Mas valia fugir confiar-
me á noite com o risco de me perder,
procurar descobrir as luzes de Bon-
neval: empregaria nessa pesquisa mi-

nhas ultimas forças; restabelecido,
podia afinal tornar a partir, a arris-
Antes de tudo era preciso fugir.

Novamente vestido, sacola ás cos-
tas, desci com passos felinos, a esca-
da que meus sapatos ferrados aba-
laram de tal sorte que meu hospede-
deiro que ainda não se tinha reco-
lhido me ouviu e veio para mim tra-
zendo uma vela. Estava pilhado.
Expliquei o melhor que pude, que es-
tava sendo esperado em Bonneval e
que preferia partir immediatamente.
Quando acabei esse discurso embara-
çado, durante o qual me apoderei
de meu páo ferrado que tinha ficado
em baixo, recebi a queima roupa um
"não" retumbante, Barravam-me a
porta.

—Deixe-me passar, reclamei, ener-
gicamente.

— Não.

Mas, dessa vez accrescentou brus-
camente:

— Não se anda lá fora com seme-
lhante tempo.

E levantando a tranca, abriu. Uma
tempestade de neve nos assaltou im-

(Termina na pagina 32)

O CAFÉ SÃO PAULO entregou ao consumo
publico durante o

anno proximo
findo **Duzentos e noventa e sete mil kilos (297.000)**

de artigo de primeira qualidade com a unica marca de sua propriedade,

batendo o "record" dos cafés moidos do Recife.

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica Beija-Flor



mediatamente, enquanto a lampada que se apagara, enchia o ambiente de fumaça. Lá em cima, minha trapeira entreaberta pelo morto, enviava sua corrente de ar. Enquanto elle fechava, um grande ruído vindo do primeiro andar, chegou até nós. Ouvimos um grito:

— Elle voltou! Elle voltou!

E a mulher, por sua vez appareceu no cimo da escada, em camisa e o terror estampado na face.

— Mas, que, e isto? fala, interrogou o marido.

— Elle voltou.

— Mas quem?

— Teu pae.

O homem subiu. Interdicto, me

O BRAÇO DO MORTO

(Conclusão)

esqueci de aproveitar sua ausencia para fugir. Ouy! fecharem a trapeira, e logo depois uma voz nos agitou:

— Oh, não, é o braço que sahia.

O braço? Entraram em meu quarto, sabiam que eu sabia. Estava descoberto. E ia, dessa vez, fugir quando o homem, lentamente, se dirigiu para mim:

— Isto lhe fez medo, o braço do velho? Não se assuste. Que quer? morreu á semana passada. Quando alguém morre no inverno, segundo nosso costume, é collocado

sobre o telhado, porque é impossivel leval-o á igreja ou ao cemiterio. Elle fica bem lá em cima, o frio o conserva. Na primavera é enterrado com a cruz e o cura. Demos-lhe o seu quarto: é o melhor. Mas se isso o incommoda, estender-lhe-hemos um colchão na costinha. Na verdade, a primeira pessoa que se deita no quarto de um morto, fica com azar. E por isso, se offerece sempre a um estranho. E' o costume.

Mas eu assegurei que agora dormiria ali com a maior boa vontade do mundo. E dormi ás mil maravilhas com o morto no andar superior.

HENRY BORDEAUX

NÃO SE ILLUDAM!...

O CAFÉ SÃO PAULO

é um producto que se recommenda pela excellencia da sua qualidade.

EXIJAM DE PREFERENCIA ESTA MARCA

À venda em todas as mercearias e no Deposito a rua do Rangel n. 140

A bonita apparencia de seu carro, a longa duração da pintura e facilidade de limpeza, só se consegue com os afamados productos da E. I. Du Pont de Nemours & Company.

" U S E M "

MODO DE USAR

A preparação "Duco" n.º 7 para polir, serve tambem para limpar.

Foi feita especialmente para o Duco pelos fabricantes do Duco. Dá magnificos resultados quando é applicada sobre artigos xaroados, esmaltados a fogo e em todas as superficies envernizadas. Produz um bonito lustro secco que não deixa accumular o pó.

Lave o carro, ou sacuda o pó com um trapo secco. Agite o polimento e applique-o em pequenas quantidades com um trapo limpo. Não se deve polir senão pequenas extensões de cada vez e não se deve applicar mais que a quantidade necessaria para humedecer a superficie.

Friccione rapidamente para tirar a sujidade, gordura,



praxa, etc., até que a preparação principie a seccar e immediatamente, com um pedaço de panno bem limpo, puxe o brilho.

Se a preparação não desaparece em pouco tempo, deixando a superficie bem limpa e lustrosa, deve repetir-se a operação.

Algumas vezes o trapo com que se applica a preparação fica manchado com a cor do carro mas isto não prejudica de modo algum o acabamento do carro. Não continue a usar um panno que já esteja sujo.

Quando faz muito frio, deve aquecer-se um pouco a preparação na propria lata, até que adquira a sua consistencia de creme.

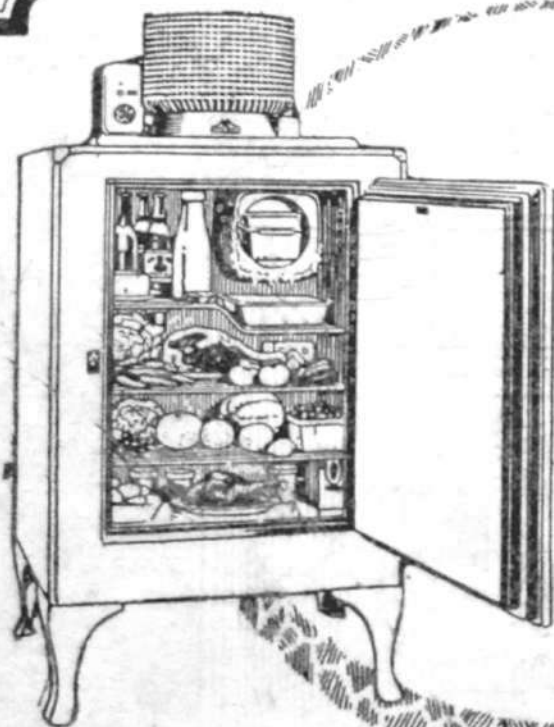
**AGITE QUANDO
USAR**

AGENTES EXCLUSIVOS

LEÃO & CIA.

RUA DO BOM JESUS, N. 163

PERNAMBUCO



**A
MAIOR
CONCEPÇÃO
MODERNA
PARA O LAR**

REFRIGERADORES

DA

GENERAL ELECTRIC

INFORMAÇÕES

NO

SALÃO DE DEMONSTRAÇÕES

DA

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Rua 1.º de Março, 106 - Telephone n. 6728

R-2